



Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

---

# JONAS

Paulo Cesar Bottas

Nancy Cardoso Pereira

Roberto Natal Baptista

Dario Geraldo Schaeffer

Sebastião Armando Gameleira Soares

Paulo Roberto Garcia

Rolf Schuenemann

Mariano Marchitello

Zwinglio Mota Dias



---

## MOSAICOS DA BÍBLIA

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação  
Av. Higienópolis, 983 - 01238 - São Paulo - SP \* Fone: (011) 825-5544  
Rua Santo Amaro, 129 - 22211 - Rio de Janeiro - RJ \* Fone: (021) 224-6713

4

## Apresentação

Neste ano estaremos completando 500 anos de conquista do nosso continente, pelos europeus. Com isso, está sendo avaliado todo o projeto de evangelização que marcou esse período.

Neste contexto cabe o livro de Jonas. "Mosaicos da Bíblia" número 4, reúne várias reflexões em torno do livro deste pequeno profeta de poucas palavras.

Desejamos que esta leitura possa oferecer elementos para uma discussão crítica sobre o significado de 1992.

Paulo Roberto Garcia

Programa de Assessoria à Pastoral

"Mosaicos da Bíblia" reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes

Paulo Roberto Garcia

Jane Falconi F. Vaz

Digitação: Denise Gomide

Capa: Maria Cristina Ricardo

São Paulo-Outubro de 1991.

## ÍNDICE

- Afe Jonas!!! O profeta da covarde intolerância, 04  
Paulo Cesar Bottas
- Todo o mundo habitado, 07  
Nancy Cardoso Pereira
- E a novidade veio de dentro da baleia, 11  
Roberto Natal Baptista
- Evangelização e Exploração - irmãs de 500 anos, 16  
Dario Geraldo Schaeffer
- O desencontro entre Jonas e Deus, 20  
Sebastião Armando Gameleira Soares
- Jesus e os Marinheiros - Jonas e os discípulos, 24  
Paulo Roberto Garcia
- Jonas e a Cidade, 27  
Rolf Schuenemann
- Jonas... humor, resmungos e anúncio, 32  
Mariano Marchitiello
- A fragilidade do profeta suscita a sabedoria e a força  
do povo, 38  
Zwinglio Mota Dias

**AFE!!! JONAS****(O profeta da covarde intolerância)**

Paulo César Bottas

O livro de Jonas é claramente didático e evidencia a misericórdia de Deus. Até aí, nada de mais. Inútil querer ser mais didata que o próprio escritor. No entanto, existe uma dimensão oculta da personalidade do profeta - sua covardia e intolerância - sobre as quais me parece necessário uma pequena reflexão. Quantas vezes somos tomados de uma grande covardia e queremos transformá-la num ato de coragem que atinge a intolerância? Que Deus é maior que nosso coração, que sua loucura é mais sábia que os homens; que não dá pedra a quem lhe pede pão são coisas sabidas mas, talvez, não interiorizadas na nossa prática eclesial e, na maioria das vezes, eclesiástica.

Jonas foge da face de Deus quando soube que o havia chamado para profetizar. E vai para Társis, que representava aos olhos dos hebreus o fim do mundo. Como bom covarde e traidor vai para os "cafundós do Judas", na linguagem popular. Entra no barco, desce para o fundo e dorme profundamente. Freud explica o óbvio. Só faltava Jonas gritar: "Quero a minha mãe!!!". A volta ao útero, a dependência absoluta pelo apagamento da sua consciência. O mar cobre-se de faios, trovões e a tempestade sacode o barco e amedontra os marinheiros, ecumênicos, porque cada um começava a gritar para o seu Deus (Jonas 1,5). O nosso covarde Jonas, dono da religião "verdadeira", seguro da sua fé, é despertado pelo "outro", de outra fé e religião. É cobrada a sua adesão ao momento existencial que desafia a vida de cada um. Deus intervém pelo diferente do seu servo que devia ser fiel. Deus intervém e faz conhecer o seu desígnio pelos símbolos esotéricos dos homens: jogam a sorte, que cai sobre Jonas. O transcendente se manifesta pela sorte e Jonas é obrigado a declarar a sua fé: "Sou hebreu e venero a Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra" (Jonas 1,9).

**Os marinheiros temem e fazem justiça segundo a**

indicação da sorte pública de Jonas, da sua covardia. Antes porém, na sua misericórdia e piedade tentam salvar Jonas e quanto mais se esforçam para atingir a praia tanto mais o mar se enraivece. Pedem perdão para não ofender o Deus do covarde profeta, lançam-no ao mar, que se acalma, e rendem culto cada um a seu Deus.

Assim termina o ciclo da covardia de Jonas... negando o seu segundo cimento.

Na sua segunda descida ao útero materno, Deus, na sua misericórdia, se utiliza de um grande peixe, que a tradição popular identificou como uma baleia-mamífero dos mares. Jonas fica com terror e medo e parece arrepender-se diante da situação de perigo e promete tudo para salvar a pele. Diante de tanta generosidade e vontade de converter-se, Deus não duvida e sem vacilar tem misericórdia e salva Jonas, atirando-o em Nínive. Do seu terceiro nascimento, nas praias de Nínive, Jonas vai atingir as sombras da intolerância. Profetiza em Nínive estipulando um prazo de 40 dias para a conversão. Como no dilúvio e no êxodo, a tentação do deserto se faz por: sofrimento, expiação, esperança, jejum e oração. O rei decreta o tempo da expiação: "Homens e animais, do grão e miúdo, não provarão nada! Eles não pastarão e não beberão água. Cobrir-se-ão de panos de saco, invocarão a Deus com vigor e se converterá cada qual de seu caminho perverso e da violência que está em suas mãos" (Jonas 3,7-8).

Deus, vendo a sua prática e obras, se arrepende, volta atrás e não castiga Nínive, a grande cidade, "onde há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre direita e esquerda, assim como muitos animais".

Jonas fica irado e, na sua intolerância, cobra de Iahweh dizendo: "Não era justamente isso que eu dizia quando estava ainda em minha terra. Por isso fugi apressadamente para Târsis, pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal" (Jonas 4,2). Jonas fica tão p... da vida, bate o pé, mostra que está "porraqui!!!!" - com o seu dedo mostrando o limite da garganta - e pede para MORRER. Deus ainda pergunta qual o motivo de tanta "brabeza" e ira. Jonas não responde e desafia de novo Iahweh. Sai da cidade, constrói uma tenda e fica vendo se a cidade vai ou não ser destruída. Deus, com uma santa paciência, tenta evidenciar para Jonas a sua misericórdia e faz crescer uma manoneira para lhe fazer sombra e esfriar a cabeça.

Qual nada, Jonas sacode os ombros para o gosto divino, mas fica bem alegrinho com a mamoneira. Deus, para dar outro toque em Jonas, manda um verme que seca a manoneira e ela seca. Deus manda um sol e um vento que ardem a cuca de Jonas. O profeta intolerante não se dá conta dos sinais de

Deus, e reafirma, que é melhor morrer do que viver só porque Deus não havia destruído Nínive. Para todo intolerante, a ternura é torturante e o seu dogmatismo é sem volta e sem ninguém.

Jonas, o nosso ecologista primaz, tem pena da manoneira que secou mas não se compadece dos habitantes de Nínive. Mostra sensibilidade para com a natureza e a sua cegueira para as coisas humanas. Jonas intolerante continua girando em torno do seu umbigo, fechado ao gesto largo da misericórdia, exigindo uma vingança que chega às raias do sadismo.

Deus perdoa Nínive. De Jonas ninguém soube nada. O livro não conta, termina com Deus mostrando-lhe a sua babaquice: "Tu tens pena da mamoneira, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer, que em uma noite existiu e em uma noite pereceu" (Jonas 4,10).

Dizem que Jonas morreu de enfarte, outros afirmam que foi de úlcera, outros que ficou louco de pedra. O certo ninguém sabe...

No último carnaval, juram que o viram contra o nu dos homens e das mulheres, distribuindo panfletos, comunicados, fazendo novenas e instigando o ódio e a intolerância. Jonas não consegue ser feliz, brincar, ser terno, nem amar ninguém. Continua proclamando que Iaweh vai matar todo mundo e mandar pro inferno. Persegue os que não são o seu espelho, manda calar a boca dos que profetizam, baixa decretos, bulas, instruções.

Os colunistas sociais juram que ele se assumiu e tem desfilado entre plumas e paetês nos bailes do Municipal com a fantasia da sua criação, "o esplendor da vingança de Iaweh", mas que fica irado e quer morrer porque nunca consegue o primeiro prêmio.

E Iahweh, na sua ternura e piedade entre um sorriso e outro continua tentando mostrar a Jonas a sua misericórdia e quando perde a paciência, de vez em quando, entre uma tentativa e outra, se desabafa no alto dos céus, solta um raio seco, na imensidão azul e repete mais uma vez: AFE JONAS!!

Paulo César Bottas é frei dominicano, membro da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral e da diretoria do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação; e assessor na Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Av. Higienópolis, 983 a/c CEDI  
01238 - São Paulo - SP.

## TODO O MUNDO HABITADO

Nancy Cardoso Pereira

Sempre se falou da baleia e nem era baleia: era um peixe grande. Mas nas histórias para as crianças e no senso comum é tido quase como certo: foi uma baleia que engoliu Jonas. Que outro peixe nosso conhecido poderia ser?

É que conhecemos poucos peixes grandes o suficiente para engolir um profeta inteirinho.

Mas, algumas vezes Deus precisa de peixes enormes que engulam profetas inteiros como processo necessário de conversão.

É que os profetas também precisam se converter.

A história de Jonas é conhecida.

Deus quer que Jonas converta Nínive.

Isto Jonas não entende nem quer entender: Nínive é a grande cidade, capital do Império que destruiu Jerusalém, levando cativa as lideranças e deixando a terra assolada.

Por que agora esta proposta de profetizar em Nínive? Jonas não aceita a convocação e toma caminho e decisão contrárias às ordenadas por Deus. Para Jonas a grande cidade de Nínive não merece alternativa ou perspectiva: merece a condenação e o castigo de Deus.

Fechado no mundo de suas concepções aonde a boa nova de salvação é uma questão exclusiva e nacional, isto é, que diz respeito aos judeus e a Jerusalém, Jonas não consegue pensar a profecia em termos de todo o mundo habitado.

Trancado na compreensão de Deus que se molda aos interesses do nacionalismo judeu, Jonas não consegue perceber as implicações internacionalistas da profunda crise econômica e política que reduziu Israel a quase nada. Para Jonas a proposta é de se fechar nos limites imediatos e

curtos da religião nacional, fazendo-se de surdo às exigências de uma profecia que dê conta de todo o mundo habitado.

A mensagem de Deus de crítica e salvação na forma de profecia não pode ser mudada. O profeta, sim.

Então começa o processo de conversão de Jonas.

E neste processo o conteúdo e a metodologia são importantes.

**De peixes, ventos, mares e vermes:**

Jonas vai encontrar-se com gente diferente em sua fuga. Marinheiros corajosos, sensíveis e cheios de fé.

No confronto que se estabelece a partir da tempestade que ameaça a vida de todos no barco, a espiritualidade dos marinheiros se mostra firme e sensível, aberta a aprender com a fúria do mar e preocupada com a sobrevivência de todos...

Mas Jonas se mantém insensível e isolado, incapaz de aprender. Jonas vai para o porão e dorme, insensível à fúria do mar e ao perigo que ameaça a todos. Deus vai lançar mão das forças e criatividade da natureza para converter Jonas.

Jonas é lançado ao mar... porque é sua fuga de Deus que precipita as águas e o céu. Já que o profeta não consegue perceber a fala da natureza toda as exigências de Deus... é lançado ao mar. O mar participa profeticamente da vontade de Deus. O mar reage e responde aos propósitos divinos. Os marinheiros, pelo trabalho e convivência, conhecem o mar, e podem falar de Deus a partir do mar. Assim que Jonas é lançado fora, o mar se acalma.

"E Deus ordenou que um grande peixe engolisse Jonas" (1,17).

E o peixe está no lugar certo, na hora certa para participar da vontade de Deus.

Em todo o pequeno livro, a natureza, animais e plantas, ventos e sol, participam do processo de conversão do profeta. O que Deus exige de Jonas não é somente que anuncie a palavra profética em Nínive, mas que tenha uma compreensão da totalidade. Que aprenda a perceber no outro, no diferente, em toda a criação, a presença divina.

Na barriga do peixe Jonas faz sua oração... mas só consegue pensar e ansiar pelo Templo: "...pensei que não voltaria a ver teu santo Templo" (2,6). Jonas continua preso à sua-experiência limitada.



Sensível à vontade profética de Deus, o peixe sabe aonde cuspir o profeta: em Nínive. Jonas vai sendo empurrado para sua missão. O grande peixe foi sobrevivência e abrigo, processo e instrumento.

Mas o texto insiste em afirmar a insensibilidade de Jonas. Eram preciso três dias para atravessar toda Nínive. Jonas, de má vontade, faz o percurso num dia. E o inesperado acontece: Nínive ouve a palavra profética e se converte. Todos: desde os maiores, até os menores. O processo de conversão alcança o palácio e o rei e até mesmo os animais são incluídos no jejum que é proclamado:

"...Ninguém pode comer nada. Todas as pessoas e também os animais" (3,7).

Apesar de Jonas, apesar do profeta, a palavra de Deus de crítica e juízo é acolhida e gera transformação. Mudança que passa pelo povo e pelas estruturas de poder... o que também diz respeito aos animais. Afinal, eles são atores importantes nesta novela.

A última cena é triste. O profeta se irrita com Deus porque teve misericórdia da cidade. Jonas queria o rigor da palavra que julga sem oferecer alternativa de salvação. Jonas prefere morrer a ser desmoralizado pela conversão de Nínive. Na saída da cidade, Jonas constrói um abrigo. Ao seu lado nasce uma planta que vai oferecer sombra para alegria do profeta.

No dia seguinte, um verme seca a planta a pedido de Deus.

Jonas se irritar com o vento quente que vai queimar sua cabeça e lamenta a planta que secou.

Deus conclui a história dizendo:

"Essa planta cresceu numa noite e na noite seguinte desapareceu. Você nada fez por ela, nem a fez crescer, mas mesmo assim tem pena dela! Então, eu com muito mais razão, devo ter pena da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil crianças inocentes e também muitos animais" (4,10).

A história termina sem a conversão de Jonas.

Toda a natureza participou ativamente, com todos seus movimentos e poderes da profecia, apesar do profeta. É que a exigência da profecia diz respeito a todo o mundo habitado.

A palavra de Deus exige profetas que, solidários com a humanidade e a natureza, rompam os esquemas institucionalizados da religião e nacionalismo estreito.

---

A profecia não está trancada na vontade do profeta. A profecia - juízo e salvação - está no trabalho dos marinheiros e nos movimentos da natureza.

O grande peixe e o verme, a tempestade e o forte vento, o sol nascente e o vento vindo do leste, os animais e a planta... todo o mundo habitado como fala profética de Deus.

Quantos peixes grandes serão precisos para engolir os profetas que ainda não aprenderam a ouvir a palavra de Deus que sopra aonde quer?

Nancy Cardoso Pereira é pastora da Igreja Metodista no Brasil e faz mestrado em Bíblia no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo.

Rua José Neves, 50/102M  
04650 - São Paulo - SP

## E A NOVIDADE VEIO DE DENTRO DA BALEIA

Roberto Natal Baptista

Era uma vez um cara chamado Jonas. Deus disse a ele: "Faça-me um favor. Dê um pulo até a cidade de Nínive e diga ao povo de lá para tomar jeito e tratar de se converter, porque eu não ando nada satisfeito com eles. Se as coisas não mudarem, eles vão ver o que acontece!"

Jonas tomou um susto, quase caiu de costas, diante de um pedido tão estranho, pois Nínive era uma cidade estrangeira, capital da Assíria, o maior inimigo do povo de Israel. Jonas respondeu:

"O que? O Senhor está pensando que eu sou doido? Não quero nem saber! Eles é que se virem! O Senhor está a fim de acabar com eles? Bem-feito! Melhor para nós. O Senhor não sabe que eles estão doidos para acabar com a gente?"

Jonas não teve dúvidas. Foi até o porto da cidade, comprou uma passagem num navio, a fim de se mandar para bem longe. Fugir...

Mas o pobre Jonas deu azar. O navio ainda não estava longe da costa, quando começou uma tempestade de arrepiar os cabelos. O navio balançava, os marinheiros corriam de um lado para o outro, agarravam-se ao mastro, pediam socorro aos seus deuses estrangeiros.

Jonas não estava nem aí. Dormia tranqüilamente, numa boa, recostado num canto do navio. Chegou o comandante e lhe passou um sabão: "Como é que é, seu moço, não vai dar um jeito? Quem é você? Não está vendo o perigo? Por que você não pede a seu Deus que nos livre desta tormenta?"

E o mar ficava cada vez mais bravo. "É castigo de Deus", diziam os marinheiros. "Temos que descobrir o culpado!"

Quando ouviu isto, Jonas se arrepiou todo. Os marinheiros, como era costume naquele tempo, tiraram a sorte para ver quem seria o culpado. E a sorte (isto é, o azar) caiu em cima de quem? Adivinhe. Caiu em cima do Jonas, que contou a todos a história de sua fuga. Os marinheiros lhe disseram: "Rapaz, isso não é coisa que se faça. E agora? Vamos morrer todos..."

Jonas reconhecendo a sua culpa disse a eles: "Podem me jogar no mar. É o único jeito de vocês se salvarem".

Os marinheiros ainda fizeram uma última tentativa de chegar à costa. Nada feito.

Não tiveram jeito. Jogaram Jonas no mar. E a tempestade logo se acalmou.

Tschibuummm... Jonas caiu na água. Veio um peixe daquele tamanho e ... rneecol Engoliu Jonas. Engoliu inteirinho.

Jonas ficou três dias e três noites dentro de um peixe. Devia ser uma baleia. Já pensou?

Mas, depois desse período, Deus fez o peixe lançar Jonas na praia.

Então, Deus chegou e repetiu a mesma conversa de antes: "Veja se cria jeito, Jonas! Estou precisando que você vá a Nínive..."

Desta vez, Jonas obedeceu. Também, depois de uma dessas!

Jonas chegou a Nínive e ficou abismado com o tamanho da cidade. Andou um dia inteiro pelas ruas, gritando que o povo devia se converter, porque, do contrário, a cidade seria destruída em 40 dias.

Impressionante! O povo acreditou, embora nem conhecesse o sujeito que estava anunciando a notícia. Eles disseram: "Vamos abandonar o caminho perverso e pôr fim à violência. Todo mundo! Quem sabe, o Senhor terá compaixão de nós?" Isso foi o que todo o povo fez.

Quando Jonas viu que o povo havia se convertido, virou uma fera. O que ele queria mesmo é que a cidade fosse destruída, arrasada. E isso não aconteceu.

Jonas retirou-se da cidade. Estava de mau humor. E disse a Deus: "Eu quero mesmo é morrer. Estou desgostoso da vida".

Deus ficou com pena do seu amigo Jonas. Tão cabeçudo, mas tão simpático - "Por que você está assim tão nervoso, Jonas?"

Jonas, fora da cidade, queria descansar. Mas o sol estava muito quente, pegando fogo. Então Deus fez nascer um pé de mamona bem em cima da cabeça dele. "Que sombra gostosa", disse Jonas, satisfeito. E dormiu até o outro dia.

Mas Deus aprontou mais uma: no outro dia, bem cedo, mandou um verme roer o pé de mamona. Dito e feito: o pé de mamona secou. Jonas, de novo, virou uma fera. O sol nasceu ainda mais quente. Jonas não "tava" agüentando, parecia que iria morrer. De novo desejou a morte, dizendo: "É melhor morrer do que continuar vivendo deste jeito".

Deus perguntou a Jonas: "Escute aqui. Você acha certo ficar bravo deste jeito só por causa de um pé de mamona?" Jonas não teve dúvida e respondeu no ato: "Acho certo, sim Senhor! O Senhor não acha que isto é uma sacanagem?"

Deus não perdeu tempo. "Pois olhe aqui, seu cabeça dura! Você não acha que deveria se preocupar e ter pena de todo esse povão de Nínive?"

Fim da história...

(Extraído da revista infantil "Alô Mundo", no. 27/28, 1989, Taboão da Serra, p. 11-14).

A primeira impressão, quando lemos o livro de Jonas, é de que temos diante de nós uma estória para criança. Uma estória muito divertida e cheia de aventuras.

A estória bíblica do homem Jonas, que é engolido por um grande peixe, encontra eco em outras culturas. Entre os marinheiros fenícios circulava uma lenda sobre um homem que fora engolido por um grande peixe, após uma tormenta. Este peixe, mais tarde, o teria vomitado sobre a terra. Na Grécia, também temos a lenda de Perseu e de Hércules. Este último fora tragado por um monstro marinho e libertado após três dias, completamente calvo.

O livro de Jonas é um dos mais breves da Bíblia. Possui apenas 47 versos. Este pequeno livro, entretanto, nos cativa pela enorme originalidade de seu conteúdo e pelo seu belo estilo.

O que parece mais chamar a atenção, porém, são seus enormes paradoxos. Em nenhuma outra parte da Bíblia encontramos tantos. Logo de início, a figura do profeta realça a nossos olhos. Vemos em Jonas um anti-herói. Um profeta manhoso, desobediente, teimoso e nem um pouco misericordioso. Como se não bastasse, não o encontramos falando em Jerusalém ou qualquer outro lugar onde o público pudesse ser os piedosos judeus. Encontramo-lo, isto sim, falando aos pagãos na grande cidade de Nínive. Deus também aparece para nos surpreender. Não o vemos preocupado com a salvação de seu povo Israel. A sua ação e vontade parece só visar os pagãos.

O estilo da narrativa também nos surpreende. O autor sabia muito bem que não poderia trazer tamanha novidade teológica e tamanha crítica à nação senão através de um conto tão diferente como este. Um livro repleto de ditos proféticos, como podemos encontrar nos demais profetas, talvez, jamais atingisse os seus objetivos, tamanha a novidade contida em Jonas.

Temos como pano de fundo a reforma de Esdras e Neemias. O seu estilo sapiencial nos permite situar o livro como produto do final do século V a.C. Jonas revela características de grande conhecedor da tradição e dos profetas, do mundo (de Társis a Nínive), do comércio marítimo, do mundo urbano e do culto. Podemos, inclusive, situar o seu lugar sociológico em Jerusalém. Jonas é produto da cidade.

A iconografia das catacumbas é um impressionante testemunho do impacto que o livro de Jonas produziu na igreja primitiva. Se observarmos a freqüência dos assuntos pintados nas catacumbas iremos nos surpreender com o

resultado. A cena do bom pastor aparece 114 vezes. Jonas aparece em segundo lugar com 57 obras. Em terceiro, 53 vezes, temos a ressurreição de Lázaro. Por que esta frequência? Iremos encontrar a resposta ao notarmos a função das catacumbas; neste lugar de sepultura dos cristãos encontramos os testemunhos da ressurreição de Jesus.

Mas qual a ligação entre Jonas e Jesus? Temos o testemunho desta ligação nos evangelhos. Mateus, por exemplo, narra que quando fariseus pediram um sinal divino que autenticasse a missão de Jesus, este recorreu ao sinal de Jonas: "assim como Jonas passou três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o filho do Homem passará três dias e três noites no seio da terra" (Mateus 12,40). Jonas, portanto, pela própria boca de Jesus, vem figurar a imagem da ressurreição.

Como símbolo da ressurreição, o livro de Jonas vem nos trazer uma mensagem de renovação e esperança. Ressuscitar é nova chance, é novidade de vida. Como nós precisamos de novidades a cada dia! O livro de Jonas é puro evangelho. Ele nos convida a viver ao lado de um novo Deus.

O livro de Jonas anuncia o Deus que vem. Ele é o Deus criador de todas as coisas. Vemos os marinheiros forçarem Jonas a confessar o seu Deus, assim como eles invocaram seus deuses. Deus torna-se em Jonas verdadeiramente universal, antecipando a mensagem do evangelho de Jesus. Ele é o deus de todos, cheio de misericórdia e de ternura.

Anuncia, também um novo Javé, um novo Deus para o povo de Israel. O autor do livro conseguiu através desta narrativa, desta estorinha, trazer um ensino teológico absolutamente excepcional. Ele questiona o Deus desfigurado, reduzido e legalista. Propõe o ressurgimento do Deus libertador, histórico de Israel.

Jonas, portanto, condena o nacionalismo de restringir a salvação e do reivindicar da graça e misericórdia só para si. Portanto, reinterpreta a confissão de fé. Entender a mensagem de Jonas é questionar a própria fé daquele que a entende. Questionar é buscar a novidade. É reinterpretar. É fazer uma nova leitura da realidade.

---

O livro de Jonas fala a todos. Para o mundo lança a esperança da renovação, de uma "nova novidade". Na igreja nos obriga a olhar além dos muros que nos cercam e nos dividem. Será que não somos todos nós mais ou menos Jonas? E se for verdade, que Deus é outro?

Roberto Natal Baptista é teólogo, mestrando em Bíblia no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo.

Av Dr Silva Melo, 106 bl 5/63

04675 - São Paulo - SP

**EVANGELIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO - IRMÃS DE 500 ANOS****Expressões de revolta meditadas à luz e à sombra de Jonas.**

Dario Geraldo Schaeffer

"Celebrar los 500 anos es celebrar un massacre."

(Juanita Vasquez, índia zapoteca-mixe de Yalalag-México)

**1. The Mission**

Não há máquina do tempo que possa fazer voltar atrás a triste e vergonhosa história da implantação do colonialismo moderno em nosso mundo nos últimos 500 anos. Nada trará de volta à vida os 70 milhões de índios desrespeitados, roubados, desalojados e massacrados pela ânsia conquistadora e destruidora da concupiscência, força motora das ambições que moveram os povos europeus há 500 anos a ocuparem as terras "descobertas" à custa do extermínio de milhões de seres cujos descendentes até hoje não têm reconhecidos seus mais elementares direitos de serem gente.

Não me refiro somente aos massacres que hoje continuam acontecendo, especialmente no Brasil, com os índios. Refiro-me, também, aos milhões de negros, que vivem e sofrem a discriminação social e econômica que o assim chamado mundo moderno lhes impõe e com isto lhes tira parte da existência. Não somente no terceiro mundo, mas em países ricos, como Estados Unidos e África do Sul, condições de relação social medievais fazem com que tenham de lutar pelos mínimos direitos de viverem em sua própria terra.

Quantas vidas e quantas lágrimas já não custou esta luta pela liberdade em todo o mundo?

Refiro-me igualmente aos milhões de crianças que não passam de um ano de vida, ou se passam, terão como destino a rua, o desamparo, a discriminação, a perseguição e o extermínio.

Refiro-me também aos trabalhadores brasileiros, homens e mulheres, tão longamente espoliados por consecutivos.



desplanejamentos econômicos, cuja finalidade seqüencial única é a despoderização das classes trabalhadoras.

Hoje, a América Latina é obrigada a ter que ouvir e sentir o que Paulo Francis, inteligente e apaixonado americanófilo, diz a respeito do México: que estaria muito melhor se fosse englobado pelos Estados Unidos, pois então não precisaria exportar sua melhor mão-de-obra para lá. Expressa-se aí um pós-neocolonialismo, que não opta mais pela exploração, via relações econômicas, mas pela ocupação e, quem sabe, anexação. Algo nem tão "neo" assim.

Aliás, a ânsia de conquista que levou espanhóis, ingleses, portugueses, franceses, holandeses a ocuparem, em todos os sentidos, a América Latina, até hoje não mudou na questão metodológica. Será que a grande festa que a ONU proporcionará ao mundo em 92 aqui, no Brasil, terá coragem de analisar esta metodologia? Não o creio.

As igrejas têm assumido como sua missão histórica a tarefa de coordenar os trabalhos de conquista em nível ideológico. Com esta atitude, instrumentalizaram-se para servir ao poder econômico na criação de um substrato de sustentação necessário para a consolidação desta ocupação. Esta, ao mesmo tempo que era dirigida pela concepção econômica de que as terras descobertas e conquistadas deveriam gerar riquezas para manter as matrizes, criava a necessidade de haver uma ocupação da consciência religiosa, cultural, enfim, ideológica, para que a submissão não se fizesse à força de armas, mas também em nível de aceitação, de compreensão e de concordância.

Mesmo que isto não tenha sido conseguido totalmente, foi, a meu ver, o papel mais terrível, a missão mais diabólica - a de fazer com que fosse quebrada a vontade de serem povos livres, que concordassem com esta submissão e, com isto, com seu desaparecimento, seu massacre em todos os sentidos. Vozes inicialmente críticas de figuras mitológicas da história do Brasil, como Manoel da Nóbrega, manifestaram-se conscientemente a favor da submissão dos índios: "Sujeitando-se o gentio, cessarão muitas maneiras de haver escravos mal-havidos e muitos escrúpulos, porque serão os homens escravos legítimos, tomados em guerra justa, e terão serviço e vassalagem dos índios e a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e Vossa Alteza terá muita renda nessa terra".

Ou então a afirmação de José de Anchieta: "A conversão destes (índios de Piratininga) não cresceu tanto como a da Bahia, porque nunca tiveram sujeição, que é a principal parte necessária para este negócio".

Um testemunho mais recente de um evangélico luterano de Santa Catarina, faz com que esta realidade chegue mais perto

de nós. Contou-me que, quando criança, participou de caçadas aos bugres com seu pai. Conta ele que o grupo de caça conhecia os costumes dos índios e que a melhor época para matá-los era a de suas festas. Quando bebiam e dançavam, ficavam tão cansados, que era fácil cortar-lhes as cabeças, enquanto dormiam. Homens, mulheres, crianças eram indiscriminadamente massacrados a golpes de espadas e facões por pessoas que no domingo seguinte estavam no culto de sua Igreja como se nada tivesse havido.

O que leva a isto? O que pastores e a Igreja Luterana da época disseram a isto? Está aí uma tarefa de pesquisa para as "comemorações" dos 500 anos.

Mas creio que também as outras Igrejas evangélicas deveriam dar um passeio histórico pesquisador em suas concepções e pregações, ou nas razões porque vieram ao Brasil, à América Latina tão sofrida e explorada. Certamente haverá surpresas!

## 2. Jonas

Por ser um livrinho cheio de surpresas (Schwantes), a história do profeta Jonas deverá nos ajudar a iluminar um pouco, dentro dos limites deste espaço de meditação bíblica, as distorções e até as razões da missão colonialista que transformou este continente tão rico, tão belo e tão bem habitado, num espaço ocupado por povos massacrados e explorados, historicamente escravos.

"Grite contra a grande cidade de Nínive" (Jonas 1,2). O conteúdo da tarefa de Jonas era anunciar juízo. O juízo de Javé sobre uma metrópole, cuja população infantil era de mais de 120 mil crianças (4,11).

É esta a palavra de Javé. E ela precisava ser profetizada, "porque a maldade daquela gente chegou aos meus ouvidos" diz Javé (1,2). A maldade não é especificada e parece não ser de grande interesse para a estrutura de conteúdo do livro. Outra é a mensagem central que a sapiência israelita quer nos transmitir. E esta mensagem é uma das surpresas que nos são reservadas.

Jonas é representante dos que crêem na justiça de Javé, a mesma que caiu sobre Sodoma e Gomorra, que destruiu Acab e que castigou Davi. Jonas representa a concepção de Javé, como um Deus que ama seu povo, que é longânimo, mas que castiga a injustiça com a morte, sem que haja volta. Jonas é partidário de correntes, digamos, fundamentalistas e radicais do profetismo, que se mantinham, pelo viés do conservador, sempre ligados aos poderes do templo e da lei. Jonas aqui representa a mentalidade dos senhores do templo e dos donos da interpretação da lei.

Dario Geraldo Schaeffer é secretário executivo do Instituto Universidade Popular - UNIPOP, em Belém/PA.

Av Senador Lemos, 557

66055 - Belém - PA

## O DESENCONTRO ENTRE JONAS E DEUS

Sebastião Armando Gameleira Soares

"...de pano de saco, desde os maiores até os menores" (leitura de Jonas 3,5-9)

É muito estranho. Um profeta é encarregado de pregar a conversão. Aqui, porém, a intimidade do profeta é devassada e aparece cruamente como é ele quem necessita de converter-se.

Jonas sabe dever proclamar uma notícia terrível: a grande cidade de Nínive, a importante capital está arrasada. Apesar de perceber que Deus o chama, recusa-se a ir e até foge na direção contrária.

Enfrentar Nínive, famosa por sua maldade e ainda sendo um profeta estrangeiro devia ser dureza dobrada. E à incerteza, qual seria a reação? A própria vida corria perigo. O poder assírio era bem conhecido desde há muito por sua crueldade. Tudo isto é o que nós imaginaríamos como sendo as razões da desesperada fuga do profeta.

Não era, porém, nada disto. O próprio Jonas o esclarece. É que há um desencontro fundamental entre ele e Deus. Em termos humanos, diríamos que há uma "incompatibilidade de gênios". Jonas é duro com o pecado, não suporta quem pratique violência e, por isso, não pode estar de acordo com a paciência infinita de Deus, sempre disposto a perdoar. Está longe de ter apreendido as lições aprendidas por Oséias depois de tanto sofrimento. Para ele as pessoas (e as cidades) se dividem em boas e más. Ele mesmo, pelo visto, deve catalogar-se, como aquele homem rico do Evangelho, do lado dos bons. Espontaneamente entende que Deus seja justo juiz, mas tem invencível dificuldade de imaginá-lo como pura graça. É claro que para ele a salvação é prêmio, não oferecimento gratuito. E não desiste. No fim de tudo, como nos conta o capítulo 4, ainda espera por um milagre que faça justiça. Mesmo tendo visto que Deus perdoara os ninivitas, vai-se assentar pensativo, ansioso por "ver o que aconteceria à cidade". Quem sabe, ainda

aguardava que, afinal, Deus deixasse de ser tolo e tomasse alguma atitude mais firme. Talvez lhe passasse pela cabeça a pergunta: "Como a humanidade pode levar a sério um Deus tão bondoso?" "Não será por isso que nunca se chega a uma solução final?"

Jonas se parece com muitos de nós quando temos dificuldade de compreender ser o perdão a atitude central do cristão. Quantas vezes já não escutei de irmãos e irmãs cristãs o seguinte desabafo: Se Pinochet, esse frio assassino de multidões, for levado ao céu, eu prefiro não estar lá. É raciocínio de Jonas, de quem não suporta o perdão. Ora, quem for afinado com nosso Pai, que tem "coração de mãe" (Cf. Isaías 46,3; 49,14-16; Oséias 11) e desejar "chuva e sol sobre justos e injustos" (Mateus 5,45).

Há no comportamento de Deus algo que tem a ver profundamente com a liberdade construtiva. A chance de recomeçar se oferece sempre, a pessoa é construção sem cessar, nenhuma situação é obrigatoriamente final. Tudo pode começar de novo. O perdão insiste em enxergar inocência onde outros só vêem marcas de feridas abertas (Isaías 1,18).

No jeito de atuar dos ninivitas há duas coisas que particularmente encantam a Deus.

A primeira é a solidariedade com a Natureza. Pessoas e animais sentem-se debaixo do mesmo destino. Todos devem vestir-se de saco e jejuar (v. 7-8). A humanidade é do mesmo barro da terra, da mesma família do chão de roça (Gênesis. 2,7); os animais estão aí bem perto e tão parecidos que até poderia pensar na possibilidade de virem a ser sua companhia (Gênesis 2,18 a 20) - basta pensar no macaco, no cão, no gato, no papagaio...

Em diversos momentos, a Bíblia ressalta essa solidariedade básica, esse parentesco íntimo da pessoa com a natureza (Gênesis 3,17-19; Isaías 11,1-9, Os 4,2-3). Desde tempos remotos a humanidade intuiu muito bem que a relação homem-natureza tem a ver com gestos de casamento. Daí os mitos e os rituais de fertilidade, incluindo a prostituição sagrada, rito excleso, ato mais pleno de imitação do matrimônio dos deuses com a Mãe Terra. Dominar a criação, avançar por sobre a terra tem a ver com a delicadeza dos gestos de amor no leito nupcial ("Não sei se sou dominado ou se domino..."). "Adam" (humanidade) e "adamah" (chão de roça) são feitos um do outro, são feitos um para o outro, para chegarem a ser "uma só carne". O destino dos humanos se confunde com o destino da terra. A industrialização capitalista atual é a demonstração mais evidente disto. As pessoas se destroem (basta pensar na maneira como se alimentam, respiram e exercitam o próprio corpo) ao destruírem os recursos da terra. A civilização da produção e do consumo desenfreados chega a estimular as pessoas a

super-alimentar-se: matam a si mesmas pelo excesso, matam os outros por lhe retirarem quase tudo não lhes deixando nem o mínimo, matam animais e plantas pelo puro prazer de consumir sempre mais e sempre de maneira mais sofisticada (falsa).

A outra coisa que encanta a Deus é a solidariedade entre as pessoas. O que aconteceu em Nínive é indicação claríssima do caminho de superação da violência (Jonas 3.8). A conversão da cidade equivale ao momento no qual seus habitantes aceitam reconhecer-se em igualdade de condição: "Vestiram-se de saco, desde o maior até o menor" (v.5). É preciso que o "rei desça de seu trono, tire de si as vestes reais, cubra-se de pano de saco e assente-se sobre a cinza" (v.6). Em outras palavras, é preciso que o poderoso volte a experimentar sua condição humana, baixe do lugar que o separa, desvista-se daquilo que lhe confere aparência de superioridade, e se assente na cinza como todos os pobres. Reconheça o seu pecado, isto é, reconheça-se do mesmo barro que todas as outras pessoas, iguale-se. Só há esse caminho de superação da violência.

É por isso que o Novo Testamento insiste tanto no reconhecimento e na confissão do pecado (Atos dos Apóstolos e Epístolas Paulinas). Não se trata de mortalismo doentio. É algo bem mais profundo e completamente sadio. Reconhecer-se pecador é vencer todo sentimento de superioridade e auto-suficiência. É desvendar para si mesmo a própria verdade antropológica de ser como os outros. É só isso que precisamos para obter o perdão.

O perdão é a experiência profunda de sentir-se amado e aceito do jeito que se é, começando pela profunda e radical aceitação de si mesmo, ao superar aqueles sentimentos de culpa que fazem a pessoa desprezível a seus próprios olhos. O sentimento de culpa bloqueia nosso relacionamento com os outros e paraliza-nos na caminhada. Torna-nos paralíticos, enfermos e frágeis. Eis o paradoxo: Só o honesto e tranquilo (não neurótico) reconhecimento de nossa pequenez nos fortalece verdadeiramente pela solidariedade que experimentamos com os outros (Lucas 22,31s).

Só quem se sabe pecador pode sentir-se irmão. E pode aceitar profundamente um Deus que perdoa e acolhe. Jonas pensava-se melhor que os ninivitas. Daí o seu drama e sua dificuldade de compreender o comportamento de Deus. O profeta precisou de converter-se. Por mais incrível que possa parecer foi o rei de Nínive quem lhe deu a lição .... Quem poderia prever: Um rei que precede um profeta! Mas a Bíblia é assim mesmo, relativiza crenças inabaláveis e desarruma certezas fáceis. Chama ao imprevisível. Resta Deus, inabalável na sua graça. Em nossa imaturidade, é-nos difícil levar a sério um Deus tão bom....

Sebastião Armando Gameleira Soares é biblista, leigo católico, diretor nacional do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI.

Caixa Postal, 271  
53001 - Olinda - PE

## **JESUS E OS MARINHEIROS - JONAS E OS DISCÍPULOS**

### **Um confronto na comparação dos relatos**

Paulo Roberto Garcia

Quando lemos o relato da tempestade acalmada por Jesus em Marcos 4,35-5,20, reconhecemos, como pano de fundo, a história de Jonas 1.

Neste relato, a história de Jesus foi contada à luz da experiência de Jonas. Só que ela foi contada ao contrário. É o que veremos a seguir.

#### **JONAS E JESUS - CONVERGÊNCIAS**

A história é contada ao contrário a partir de elementos semelhantes:

O primeiro é o barco em meio à tempestade no mar. O mar representa, nos dois relatos, as forças caóticas (concretas) que buscam destruir a vida. Basta lembrar que o mar ameaça o barco de Jonas e o de Jesus e era a habitação da legião de espíritos impuros (Marcos 5).

O segundo é que tanto Jonas como Jesus estão dormindo e são violentamente interpelados a colaborarem na luta contra o caos.

O terceiro elemento aparece na vitória contra o caos.

Ela é resultado da ação desses personagens. Jonas pede que seja jogado ao mar. Jesus enfrenta e exorciza o mar e a sua legião de representantes.

#### **JONAS E JESUS, DISCÍPULOS E MARINHEIROS - DIVERGÊNCIAS**

Em cima das semelhanças, surge um novo enfoque, que é destacado pelas divergências entre esses relatos.

A primeira divergência aparece na prática dos dois personagens centrais: Jonas foge da vontade de Deus; Jesus a



executa.

A segunda aparece na prática dos personagens secundários. Os marinheiros, em Jonas, estão abertos a compreender o poder de Deus e a conversão. Já os discípulos não conseguem discernir quem é Jesus. Não há conversão! Só há incredulidade e medo.

A terceira aparece na continuidade dos dois relatos. O de Jonas tem sua seqüência enfocando o profeta. E, diga-se de passagem, uma triste figura de profeta. É relapso em sua missão, dos três dias necessários para anunciar a mensagem à cidade, ele a cumpre apenas por um dia. É insensível ao valor da vida - vale mais uma planta que a vida de todos os habitantes de uma cidade. Curto de palavras, só proclama uma pequena frase, também é teimoso em realizar a vontade de Deus e de duro coração para compreendê-la. Quanto aos marinheiros, o relato termina por mostrá-los convertidos.

No relato de Marcos, é enfocada a luta de Jesus contra as forças caóticas que reduzem a vida a situações inumanas (Marcos 5,1-20). Quanto aos discípulos, os demônios têm mais sensibilidade do que eles e os habitantes da cidade de Gerasa, para compreender o poder de Deus que se manifestava na prática de Jesus - o poder de triunfar contra o caos.

#### **JESUS E OS MARINHEIROS X JONAS E OS DISCÍPULOS - O CONFRONTO**

Os dois relatos apresentam no confronto com o caos dois tipos de personagens distintos.

Jesus e os marinheiros aparecem como os que, discernindo o poder de Deus, enfrentam o caos a partir do conceito da centralidade da vida. Para tanto não podemos esquecer que, enquanto os marinheiros lutam a todo custo para não ter que jogar Jonas ao mar (mesmo que para isso necessitem sacrificar a carga), Jesus, em Marcos 4, enfrenta o mar para salvaguardar a vida e, em Marcos 5, restitui a vida a alguém ao qual todos buscavam acrescentar correntes.

Jonas e os discípulos são os que têm dificuldade em discernir o poder de Deus. O centro do mundo é seu preconceito. Diante dessa inversão, coisas têm mais valor que gente. Por isso Jonas se apieda da aboboreira que morreu mas aguardava ansiosamente a morte de toda uma cidade.

Os discípulos, por sua vez, não discerniam aquilo que os demônios tranquilamente entendiam - o poder de Deus que manifestava-se em Jesus e ameaçava a existência deles. A incompreensão leva a inversão de ver uma cidade lamentando a morte dos porcos (impuros na concepção judaica), verdadeiros representantes do poder do caos, ao invés de alegrarem-se com a vitória da Vida.

Enquanto a prática de Jesus e dos marinheiros vence o caos e, conseqüentemente, promove a vida, a prática de Jonas, dos discípulos e dos moradores de Gerasa torna-se verdadeira propagadora do caos.

Em uma prática, a vida vale mais que tudo. Em outra, coisas valem mais que a vida.

#### AMÉRICA LATINA - 500 ANOS DE CONFRONTO

A história de nosso continente pode ser contada a partir da luta contra o caos, que se faz presente de forma violenta. A vida, desde o início do período de colonização, é agredida e solapada em todas as instâncias. Nestes 500 anos de evangelização (ou colonização?), o nosso continente foi marcado por duas práticas distintas.

De um lado, frente a milhares de vidas condenadas à morte, estão aqueles que não tiveram a sensibilidade de discernir o poder e a vontade de Deus e, carregados de temor e incredulidade, alimentaram as forças caóticas.

De outro lado, estão aqueles que, discernindo o poder de Deus e sua vontade, anunciaram por palavras e lutas a vitória da vida sobre o caos, e, muitas vezes, com o custo da própria vida, alimentaram um novo amanhã de esperança. Essa prática é a verdadeira evangelização, semente do novo que há de surgir!

Paulo Roberto Garcia é membro da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, professor de Novo Testamento da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e pastor da Igreja Metodista no Brasil.

Rua Caetés, 878 Ap 22  
05016 - São Paulo - SP

## JONAS E A CIDADE

Rolf Schuenemann

"A cidade é uma estranha senhora que hoje sorri e amanhã te devora" - juramento d'"Os Saltimbancos"

Ao longo do processo secular de formação das cidades tem havido em parte um sentimento misto de atração e repulsa, de fascínio e amedrontamento. A cidade, ou é vista como espaço de comodidade e "boa-vida", ou como lugar originador de todos os males. Este sentimento misto torna-se um componente constante dos seres humanos que habitam a cidade. Quando não se está, gostar-se-ia de estar; quando se está, gostar-se-ia de estar fora. Este vai-e-vem vai refletir-se no modo pelo qual há participação na sua vida e na forma pela qual se assume mais ou menos uma consciência urbana.

Para as pessoas com maiores recursos (e não só elas) torna-se comum a fuga nos fins de semana, feriados, férias. Assim, criam-se verdadeiros refúgios paradisíacos em sítios, chácaras, casas de veraneio na serra e no mar, etc. O que revela isso? Depreende-se que há a construção e participação no espaço urbano, usufrui-se deste espaço, mas, ao mesmo tempo, renega-se este espaço. Não ocorre um compromisso autêntico e afetivo com a cidade enquanto espaço de vida aceitável em sua plenitude. Na medida em que as pessoas são massa e não povo, em que são números e não pessoas, ignora-se a responsabilidade pelo que acontece em seu interior. O adiantado e irreversível processo de urbanização em curso leva a refletir, enquanto comunidades cristãs, acerca da missão e tarefa neste contexto. Neste sentido Jonas pode ser ilustrativo e altamente conscientizador.

**Etnocentrismo x Ecumenismo ou "Daqui não saio, daqui, ninguém me tira"**

Escrito de forma criativa, a novela de Jonas apresenta um drama comovente e sumamente desafiador. No século V a.C,

Cada contemporâneo dele podia reconhecer-se em Jonas. De forma didática o escritor une história de marinheiros e a rotina palaciana numa estória que estabelece uma comunicação no mínimo perturbadora com seus leitores e ouvintes.

Jonas, visto individual ou coletivamente, parece ser um tipo psicológico confuso, cheio de problemas e complicações. Sua identidade está em crise dentro do contexto cultural e social. Perturbado pelo clima hostil imperante no seu tempo, tem dificuldades em romper com o seu grupo cultural, étnica e religiosamente. Tipifica a Israel perdido como pequena província dentro do vasto império persa. Seu fechamento impede uma abertura aos demais povos. Jonas enquistase covardemente na comunidade pura dos eleitos e recusa-se a estabelecer relações com o mundo maior. "Se este mundo - a cidade de Nínive - está mal, então que se dane!" - assim pensa.

Quem sabe vivemos um processo semelhante nas nossas comunidades e Igrejas cristãs, imersas nas grandes cidades?! Ao invés de estabelecermos um diálogo franco e aberto, de rompermos com o nosso etnocentrismo eclesial, enclausuramos em nossas capelas, sacristias, templos e catedrais. Enquanto o mar ruga e, em nossa volta, Nínive se decompõe, dormimos no berço esplêndido de nossa piedade, curtindo a nossa paz espiritual totalmente desconectados da realidade. Este enquistamento nos impede de andar na direção de um ecumenismo aberto ao diálogo e comprometido na prática com a promoção de vida plena e abundante.

**Ortodoxia X Ortopraxia ou Palavras são palavras nada mais do que palavras**

Jonas é homem de fé. Aprendeu o catecismo. Fez sua profissão de fé. Participa da Escola Dominical e sabe de cor os fundamentos de sua religião. No navio diz:

"Sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra". (1,9) e já fora da cidade, após a pregação: "... pois sabia que Deus é clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e que se arrepende do mal" (4,2). Apesar deste conhecimento dos conteúdos, quem, no entanto, age concretamente para combater o mal são os pagaões. A seu modo e com base em sua experiência são eles que fazem tudo para evitar o naufrágio do navio. São os ninivitas e o seu rei que agem para deter em seu meio as forças de morte, arrependendo-se de seu mau caminho.

Continuamente homens, mulheres, jovens e crianças, sem relação constante e direta com vida comunitária cristã, são bem mais sensíveis aos apelos por vida que ecoam em sua volta. Ateus, descrentes, indiferentes em matéria religiosa procuram vir de encontro às interpelações da realidade e buscam, na prática, saídas contra tudo o que ameaça a vida.

A ortodoxia, a confissão da reta doutrina não é suficiente. Na maioria dos casos ela segrega, isola e limita para uma ação solidária com todos os homens e mulheres. Os marinheiros e ninivitas apontam a ortopraxia, enquanto ação consciente e acertada dentro do contexto, como necessária e insubstituível. Não é a toa que Jesus disse:

"Nem todo o que diz: Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mateus 7,21).

#### **Morte & Vida ou Se o grão de trigo não morrer...**

Quando não-crentes assumem a proposta de Deus, os crentes, os fiéis ficam enciumados. Jonas fica profundamente chateado com o movimento coletivo de arrependimento. Quem sabe é adepto do "quanto pior, melhor". Prefere morrer a abrir mão dos seus princípios. Eles lhe são tão caros que abandoná-los significa a perda da razão de viver. Na verdade não era necessária a sua morte, mas somente a morte das suas convicções e propostas. A perseverança no gueto religioso e institucional, com tudo o que isto representa em termos concretos, impede uma autêntica promoção da vida.

O Novo Testamento mostra Jesus como o verdadeiro Jonas com a sua morte e ressurreição. Os três dias e noites no ventre do peixe prefiguram a morte e ressurreição do Filho de Deus (Mateus 12,40). A auto-preservação não contribui para o estabelecimento da vida. "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só, mas se morrer, produz muito fruto" (João 12,24). O fechamento, o isolamento, o não abrir-mão mantém o atual estado de sofrimento e não-vida que está em nossa volta.

Como cristãos e denominações cristãs temos que passar pelo ventre do peixe para sermos expelidos para dentro do coração, assumindo suas contradições e conflitos e aí atuando numa ação solidária em função do Reino de Deus. Uma "salvação" que reproduz os males mais hediondos de nossa sociedade urbana - o individualismo, o egoísmo, a competição, etc - não é digna de ser chamada por este nome. O constante repensar de nossa ação e dos instrumentos da missão nas grandes cidades são o imperativo primeiro para transformar a cidade num espaço de vida.

#### **Vida & Ecologia ou Todos se salvam ou não se salva ninguém**

A proposta de vida e arrependimento traz embutida uma dimensão muitas vezes ignorada por nós. Em sua amplitude inclui não somente os seres humanos, mas também os animais. É digno de nota a confissão de Jonas ao Deus criador do céu e da terra. O movimento de penitência dos ninivitas inclui todas as criaturas (3,7-8). A trégua, o cair em si tornam-se

bem amplos. Isso é altamente sugestivo para as nossas cidades ameaçadas pelo desequilíbrio ecológico. Curioso é que inclusive a própria legislação é acionada. (E fez-se proclamar e divulgar... 3,7) A preservação da vida, a sua manutenção pela sua abrangência nos leva a considerar que a salvação não pode ser pensada de forma exclusiva para os seres humanos. A redescoberta nos nossos dias desta dimensão cósmica lança um sério desafio às comunidades que lêem a novela de Jonas. Todo o nosso espaço de vida espera pela redenção. A tomada de consciência, a mudança de nossa mentalidade e uma nova legislação estão na raiz de uma cidade habitável e cheia de vida.

**Gratuidade, ou: Não há nada melhor do que perder tempo (Neruda)**

Uma questão de fundo marca as relações humanas. Jonas, sentado ao sol, recebe providencialmente a sombra de uma planta. Ao ser devorada por uma broca, reacende o seu temperamento ranzinza (4,8). Meio desmaiado por causa do calor, volta a soltar seus improperios. Diante disso Deus responde, perguntando:

"Você está com dó de uma mamoneira, que não lhe custou trabalho, que não foi você quem fez crescer, que brotou numa noite e na outra morreu? E eu, será que não vou ter pena de Nínive, esta cidade enorme, onde moram mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir a direita da esquerda, além de tantos animais?" (4,10-11).

Esta pergunta ecoa até os nossos dias. Numa sociedade meritocrática, onde não há espaço para a gratuidade, a experiência cristã da benignidade de Deus coloca o desafio de romper com tudo o que não aproxima as pessoas por causa da auto-afirmação e auto-suficiência que norteiam as relações inter-pessoais. Como comunidades e Igrejas somos interpelados para o estabelecimento de referenciais novos em que o individualismo possa dar lugar à solidariedade e a competição à colaboração.

Contraditoriamente Deus não manifesta sua glória pelos méritos de Jonas, mas pelos deméritos. Poder-se-ia dizer que Deus é vitorioso na fraqueza e não na auto-suficiência de seus servos. Mesmo pessoas que fogem de sua responsabilidade são usadas por Deus para transformar nossa realidade. Em sua misericórdia Deus com sua palavra e ação transforma situações. Se Deus dependesse apenas de seu povo, nosso mundo estaria muito mal. Em sua ação contínua, presente na história e no mundo, Deus não desampara a sua criatura e sua criação. Também o contratestemunho serviu e serve para que pessoas de forma crítica apontassem e apontem para uma ação concreta e decidida em prol da justiça e fraternidade entre pessoas, grupos e povos.

Colocados na cidade, somos interrogados:

"Que se passa contigo, agarrado ao sono?" (1,6)

"Que fizeste?" (1,10)

"Que faremos contigo?" (1,11)

"É razoável essa tua ira" (4,4.9)

"Não deverei eu ter compaixão" (4,11)

### Happy-end para Jonas (nas Américas)

Jonas está sentado na cobertura verde do prédio do Banco BANESPA em São Paulo, tomando à sombra de um cipreste um chopp bem gelado. Não está amargurado nem contrariado. Afinal, sua missão tivera pleno êxito. Havia assumido com determinação a tarefa conferida pelas coroas inglesa, francesa, espanhola e portuguesa de converter da impiedade para a verdade todos os pagãos habitantes das terras ameríndias. O juízo fora anunciado e nem tardaram cinco séculos e eis que restam poucos infiéis. Milhões, ou atenderam à palavra, ou morreram. As culturas pagãs quase não existem mais. A evangelização foi um sucesso. A conquista dos povos deu certo. Jonas conseguiu em meio a toda esta empresa preservar a sua identidade religiosa e cultural. A santa cruzada em terras ameríndias está concluída. "Sabendo que és Deus que cumpres a tua palavra, fui, falei e sobretudo agi. O resultado não tardou".

Jonas, às vezes, durante a noite, tem alguns pesadelos, pois o seu inconsciente lhe devolve algumas cenas pouco amáveis e tranquilas (massacres, destruições, mortes, etc.), mas logo o sono vem e a paz de espírito o envolve. Afinal, sempre existem pedras no caminho. Por isso, bebamos! a sua saúde!!!!

Rolf Schuenemann é doutorando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Mauá/SP.

Rua Almirante Tamandaré, 550

09000 - Santo André - SP

## JONAS... HUMOR, RESMUNGOS E ANÚNCIO!

Mariano Marchitello

O livro de Jonas é uma história particularmente bem escrita e curta. Contém só quatro capítulos onde notamos um desejo dos autores de se aperfeiçoarem como povo de Deus. Como diria hoje um militante: é um livro "curto e grosso", ou seja, o livro vai direto ao assunto e o diz com poucas palavras.

Na verdade, o que temos no livro é uma historieta satírica, com força parábólica, uma espécie de "narrativa exemplar". Apresenta "modelos padrão" de comportamento para ver e pensar a situação da sua época. Não é uma parábola propriamente dito. Pois faz uma caricatura direta de um profeta, e não relata de alguém que seria comparado com um profeta.

De todo modo é uma narrativa interessante e sedutora como veremos a seguir.

### **O humor: o estilo anti-herói do profeta**

A Bíblia, para mim, às vezes assemelha-se a uma dessas revistas atuais que sempre trazem uma página humorística. O livro de Jonas, num primeiro momento, parece-me ser uma dessas páginas. Afinal de contas a estória é divertida e surpreendente.

Fala de Jonas em duas situações bem ao estilo do que classificamos de "anti-herói". A primeira: na malograda fuga de sua missão, e a segunda: na sua ira magoada, quando, finalmente forçado a entregar a mensagem a Nínive, inesperadamente vê a cidade arrepende-se e ser poupada por Javé.

O lado engraçado da estória está na forma de Javé interferir nessas duas situações. Na primeira, quando da precipitada fuga, encontramos a narrativa de uma GRANDE tempestade, um GRANDE medo dos marinheiros, que os leva a jogar-lo ao mar, e de um GRANDE peixe que o engoliu. E por



que isto é o lado engraçado da estória?

Começamos por dizer que não é freqüente um peixe engolir um homem inteiro, e menos comum ainda é o "distinto" entoar um salmo no ventre do monstro marinho e continuar sua viagem dentro do mesmo por três dias. E se olharmos mais aguçadamente, até esse salmo acaba sendo rezado por Jonas numa cômica situação: Veja que ele está com a língua freada (3,5-9) e a sua "conversão" parece forçada e hipócrita, pois não tinha outra opção naquele momento (3,7-8). Essa cena não tem uma certa comicidade? Ou reza, ou o peixe não ficará de estômago embrulhado.

Depois, na segunda situação, o engraçado está no desespero de Jonas ao ver a cidade perdoada e temporariamente poupada do castigo. À sua ira e irritação, incompatível com sua missão e condição de profeta, Javé intervém através da árvore que lhe dá sombra para o calor sufocante e alívio para o vento abafado, e através do vermezinho que a destrói numa só noite. E aqui de novo a cômica situação: tudo aquilo que refrescava, por fora, a "cabeça-quente" de Jonas, Javé retira com um toque irônico.

### **Os resmungos do profeta teimoso**

A narrativa contrasta habilmente o azedume do cidadão Jonas com a honestidade dos gentios. Começa quando Javé ordena que ele leve a Palavra à Nínive, a GRANDE. E a ironia da narrativa vai mais longe ao ignorar os nomes de Jerusalém e de Judá, além do Templo ser mencionado apenas no salmo rezado dentro do peixe. O pior de tudo, é que o Deus de Jonas só se inquieta com uma coisa: a salvação dos ninivitas. E a Judá sobrou somente a missão de servir como instrumento dessa salvação. É demais para Jonas, por isso ele só resmunga...

Como resmungar é uma forma de não aceitar os fatos, ele foge à missão, pois a salvação dos ninivitas não lhe interessa. E quando ele enfim a efetivou, ainda espera um castigo, que sabemos, não virá. Enfim, Jonas não aceita o perdão dado por Javé aos gentios. O homem realmente é um desobediente, teimoso e acima de tudo desesperado porque os planos de Deus não são os seus, e então... resmunga!

E, na sua frustração, passa à acusação direta, ajeitando para si uma desculpa: "Orou então a Javé dizendo:

Ah! Iahweh, não era justamente isso que eu dizia

quando ainda estava em minha terra? Por isso fugi apressadamente para Tarsis; pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para ira e rico em amor e que se arrepende do mal" (Jonas 4,2).

Entre resmungos e frustrações, Jonas pede a morte por quatro vezes: uma na tempestade quando pediu para ser lançado ao mar (1,12); depois, quando da conversão dos ninivitas (4,4), e, quando seca a mamoneira, por mais duas vezes pede a morte (4,8-9).

Diante de tanto resmungo, Jonas dá até a impressão de que Javé se tornou um inimigo do seu povo. Aliás, na época da redação do livro, no pós-exílio, havia gente que realmente pensava assim (confira Lamentações 2,4-5), o que contrastava com a confissão feita outrora antes do exílio, de que a mão e o braço de Javé tinham realizado vitórias para o seu povo (veja o Salmo 44,3-4).

### **A história dessa estória**

Antes de continuarmos nossa reflexão, convém apresentar o chão onde se assenta a estória de Jonas, visto que já desconfiamos que a narrativa disfarça e revela, simultaneamente, uma realidade do povo da Bíblia.

Na verdade, o livro de Jonas não irrita mas conquista o leitor. É um livro cômico, mas não inofensivo para a nossa fé. Quero dizer com isto que o humor, em Jonas, nos faz sorrir até o momento em que coloca uma verdade tão profunda quanto grave. No seu final, Jonas é ridículo. Mas nós aceitamos facilmente que Deus não extermine os que não são dos nossos?

**E qual é esse chão onde "pisa" o livro de Jonas?**

Colocaria a redação do livro entre os séculos VI e V a.C., na época de Esdras e Neemias. O reino de Judá não existe mais. Tornara-se uma inexpressiva província persa. O segundo templo fora erguido com dificuldades: foi decidido pela corte (2 Crônicas 36,23), financiado pelo Estado (Esdras 6) e não respondia aos problemas básicos dos repatriados, que estavam em situação precária (Rute 1).

A então pequena comunidade judaica corria o risco de ser integrista, nacionalista e clerical. Fechada em si mesma, ciumenta da pureza da raça, está sob o domínio dos sacerdotes e escribas, e portanto tem horizontes muito estreitos. O ódio contra os povos que foram instrumentos de sua corrupção e da perda de sua identidade nacional a encerra numa religião nacionalista feroz. A obsessão pelo pecado, que é a causa da destruição de tudo segundo os profetas, os levou a multiplicar as liturgias penitenciais. Enfim, o Deus dos patriarcas e dos profetas está, agora,

monopolizado em proveito de Judá. A Santidade só existe em Jerusalém.

Com efeito, Jonas representa esse nacionalismo endurecido que não quer enxergar além dos limites de seu templo, da capital e de seu país. Portanto, é uma narração que surgiu em circunstâncias particulares da vida do povo da Bíblia, isto é, em meio aos problemas próprios que agitavam a comunidade no pós-exílio.

**O anúncio: o comportamento de Jonas e de Javé ontem e hoje**

Não há no livro nenhum indício de envio ou missão para converter nações estrangeiras. Nem se diz que os de fora do povo de Israel se aceitassem a Torá deviam ser incorporados a Israel, mesmo que porventura viessem voluntariamente a querer participar do povo de Deus.

Chama bastante a atenção que à última interpelação feita por Javé a Jonas (4,11) não haja uma resposta, e encerre o livro. Ao fazer isso, o autor joga a discussão em direção aos leitores que, ao concluir a leitura, acabam se sentindo na obrigação de discuti-la. E é justamente isso que acontece conosco hoje.

Nossa situação não é muito diferente da do povo da Bíblia que produziu o livro de Jonas. Apenas precisamos fazer a transposição do tipo de sociedade.

Para nós a aliança entre "trono" e "altar" foi teorizada no século passado, de tal modo que equivaleu à sacralização do poder estabelecido. Antes dessa teorização, já se praticava isso há muito tempo.

E, de fato, na nossa dilacerada América Latina, a prática dessa sacralização do poder estabelecido, tanto o político como o clerical, já está alcançando 500 anos. Nisto somos parecidíssimos com as atitudes de Jonas. E creio poder afirmar que muito poucas vezes, ou talvez nunca, tentou-se dar uma resposta à pergunta que Deus faz no final do livro de Jonas.

Ainda sofremos o embate de duas forças opostas: de um lado, a natureza bravia existente na América desde o tal "descobrimento" e ainda não suficientemente dominada pela mão humana, e do outro, a natureza canalizada por grupos de poder econômico para proveito próprio às nossas custas. O Estado seria o representante, não da vontade geral, e portanto não da vontade de Deus que fala hoje, como outrora, na busca ansiosa e profunda, existente no coração do povão, mas sim representante da modernização que marginaliza e sacrifica povos.

Coloco como importante e inadiável fazermos uma transcrição do texto de Jonas, mexendo com as feridas de morte que nos foram impostas. Talvez a celebração dos 500 anos de Evangelização da América possa ser o momento propício para isso...

...fico pensando, por exemplo, como ficariam transcritos os capítulos 3 e 4 de Jonas no nosso contexto. E nas divagações os vejo assim:

A palavra de Deus foi dirigida uma segunda vez ao Luiz, através da reflexão de grupo, estudo e oração, nestes termos:

"Toma tua coragem com as duas mãos e vai anunciar a minha vontade aos cristãos de fachada lá da grande capital. Grita contra eles, tanto na rampa de Baal como nas galerias do Congresso e nas escadarias do Templo, mas correndo o risco de ser preso, porque as abominações, principalmente dessa raça, já se tornaram intoleráveis".

E desta vez Luiz se levantou e iniciou a tarefa. Não era nada fácil, porque a capital e suas cidades satélites são muito povoadas. Mas ele inventou um jeito original para que todos ouvissem. Gritava e dizia: "Basta! Já preencheram sua medida. Pelos quatro planos de massacre vocês têm quarenta dias para se redimirem, depois disso a capital e os subúrbios serão devastados". E de povo arrasado temos experiência a partir do que fizeram às nações indígenas, à raça negra, escravizada na América, e à natureza amazônica. Se bem que essa devastação toda não tem nada a ver com Deus, como se tem apregoado por aí!

Os moradores da capital acreditaram no evangelho e aconteceu uma revolução de mentalidades e comportamentos. Os que nos governam e os congressistas ficaram sabendo e, deixando Baal, entraram nesse movimento, renunciando às falcatruas, maracutaias e a todo tipo de abominação. Inclusive, o amor ao dinheiro e às honras desapareceram.

Cada um dos latino-americanos expulsou o policial de sua cabeça, especialmente o policial eclesiástico colocado em todos ao longo desses 500 anos.

Para acabar com nossa fome e a do mundo, e com a morte prematura de muitos da América, todos num só coração voltaram-se contra os imperialismos, que só sabem fazer guerra em golfos, canais e ilhas, e que são abençoados em nome de Deus e se consideram justos e santos.

Foi uma festa por toda a parte. Ninguém mais era solitário e marginalizado, explorado e triste. Quando Deus viu essa festa, adiou a devastação. Vendo isso, Luiz ficou furioso e começou a esbravejar nos jornais e na TV, dizendo:

"Eu sabia que Deus é cheio de compaixão e misericordioso, lento para a cólera e rico em bondade e que nunca resolve tirar a limpo as necessárias prestações de contas dos maus, mas agora, por favor, ache um outro para pregar. Estou chateado! Prefiro morrer do que ver isso".

E lá no fundo do seu coração, uma "voz" lhe dizia: "Luiz, você tem motivos para ficar tão zangado?" Mas Luiz foi se trancar em sua casa e não queria mais participar de nada. E de lá ainda esperava o castigo para os mentores de tantos planos que, por 500 anos, e principalmente nos últimos acabaram com a vida do povo.

Um dia indo fazer suas compras, viu um vira-lata abandonado olhando-o suplicantemente. Luiz o adotou, tratou dele, acarinhou-o.

Dali a três dias, o cão morreu. Luiz ficou inconsolável e não queria mais comer, preferia morrer. Foi quando lá no fundo do coração veio aquela "voz" de novo dizendo: "Você tem razão de estar tão contrariado assim?", e acrescentou: "Você apegou-se a este bichinho que achou grande e crescido, mas vá lá!!! Eu entendo sua dor. Mas você não quer me entender. Por que não haveria de ter afeição para com estes miseráveis da capital e dos subúrbios? São cento e vinte milhões de subnutridos, pobres, muitos analfabetos que nem ao menos sabem distinguir o que é amanhecer e anoitecer, pois parte deles está nas fábricas ou nas conduções nessa hora, e muitos sabem ainda menos, distinguir religião da fé..."

Pensando bem, com sinceridade... creio que estou mais para Jonas que pra Javé. Analisem até onde tem ido nossa luta contra a opressão e exploração em nome do libertador? Será que não usamos Deus e a religião para salvar só o nosso grupo ou movimento?

Por que depois de 500 anos com cruz, reza, pregação e toda sorte de recursos religiosos, a América Latina continua oprimida, explorada, ridicularizada, como caloteira na dívida externa e os seus moradores naturais, os ameríndios, massacrados?

Por que com quase 500 anos de idade ainda não somos um povo de Deus Javé, mas sim ao "deus dará?"

Mariano Marchitello é Professor de Bíblia e mestrando no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Rua Francisco Barros Leite, 685  
18160 - Salto de Pirapora - SP

## A FRAGILIDADE DO PROFETA SUSCITA A SABEDORIA E A FORÇA DO POVO

Zwinglio Mota Dias

### Introdução

É muito perigoso e nada recomendável fazer paralelismos na história. O leitor da Bíblia, no entanto, dificilmente escapa desta tentação, pois o tema da Bíblia é a história da humanidade, apresentada através da experiência de povos e pessoas, por meio de estórias, ditos populares e expressões culturais (religiosas). Mas não se trata de um compêndio de história universal. No contexto da história particular de um povo se projeta uma visão global da humanidade a partir das experiências, visões e sonhos gestados no interior da experiência desse povo. O centro estruturante de todo o relato bíblico é a intervenção do Deus desse povo no conjunto de sua compreensão da história tornando-se assim a chave de interpretação para todos os acontecimentos em que se vê envolvido. Como a grande maioria dos textos bíblicos se refere a gestos e ações historicamente concretos, fica difícil escapar do paralelismo com as situações que o leitor vive em seu presente. Não importa o tipo de interpretação que se lhes dê. Mesmo com todas as mediações que possam ser feitas e usando de todas as metodologias interpretativas que se conhecem, os paralelismos se estabelecem e o sentido do texto pode ser torcido, manipulado, mal usado, etc. Estamos sempre correndo este perigo, razão porque conhecer o mais possível o contexto de qualquer relato e ter uma visão o mais exaustiva possível de nossa própria realidade se impõe como condição imprescindível para uma compreensão no mínimo razoável da mensagem bíblica. Isto porque toda análise e toda interpretação representa sempre uma leitura, a escolha de uma determinada posição a partir da qual olhamos o objeto de nossa visão. Todo ponto de vista é a vista a partir de um determinado ponto, uma determinada posição, como disse alguém, explicando o óbvio que nem sempre percebemos. Vamos, pois, refletir sobre Jonas tomando todas esses cuidados e correndo o risco de nossas limitações e carências. Quem sabe aquela experiência extravagante e

inusitada nos trás alguma luz para a tarefa que temos diante de nós.

### O contexto de Jonas

A estória de Jonas se passa no ano 400 a.c. Tempos difíceis, de muito sofrimento, de muita opressão. Vivia-se num mundo unipolar tendo o império persa estabelecido a sua pax em todos os quadrantes. E isso já durava mais de um século! Dominação internacional militar, política e econômica. À diferença dos assírios e dos babilônios os persas não foram tão brutais, pois sofisticaram certas formas de controle dando a muitos a ilusão de liberdade. No que se refere às práticas culturais-religiosas, por exemplo permitiram aos seus súditos a manutenção de suas características desde que não representassem ameaças ao establishment imperial. Mas a exploração e opressão eram implacáveis. A arrecadação de impostos foi aperfeiçoada e a pobreza e miséria marcavam a vida da maioria da população. "Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo ao rei" (Neemias 5,4). A serviço do poder imperial na Palestina Neemias e Esdras, com financiamento governamental persa restauraram o Templo, reedificaram Jerusalém e puseram em vigor a lei de Moisés para recuperar a identidade do povo em base à triade Lei, Templo e Jerusalém, recompondo a tradição que mantinha o povo integrado mas, ao mesmo tempo, submisso à dominação persa.

Mas esta aliança significava o fim dos sonhos israelitas. O reordenamento internacional imposto e mantido pelo império aniquilava de vez as possibilidades de Israel vir a cumprir seu destino histórico de "luz para as nações". A situação era difícil, os tempos estavam fechados. Alguns buscavam alternativas, Jonas, embora sem entender completamente isto, é um deles. Mas haviam também outros que em linguagem apocalíptica, ou através de acontecimentos insólidos e absolutamente dissonantes em relação ao tom das vozes dominantes, anunciavam a irrupção de algo novo que romperia com a aliança com o denominador. Os exemplos são muitos:

a) A história de Joel, que provavelmente é da mesma época anuncia, em tom apocalíptico, a irrupção do Espírito da liberdade que libertará os escravos e escravas (Joel 2,28-3,2).

b) O livro de Rute, por seu lado, inverte tudo para escândalo dos profissionais e aproveitadores da religião oficial que, eram, ao mesmo tempo, os dirigentes máximos da nação israelita. A alternativa não virá de Jerusalém. Virá dos camponeses e através das mulheres. O Messias não nascerá em Jerusalém, mas em Belém. E será descendente de uma estrangeira!

c) Jô levanta seu protesto contra o sofrimento a que o justo está submetido.

d) Eclesiastes denuncia o trabalho vazio e alienado.

e) Cantares canta o corpo, a sensualidade, contra os rigorismos moralistas e sacralizadores de opressão física que sujeita os corpos e as mentes aos interesses do sistema imperial.

Todas essas obras de sábios como assinala M. Schwantes são "severas críticas aos que acreditavam-se tranquilos, porque estão acomodados a leis e sacrifícios, a dogmatismo e Templo".

O texto de Jonas é parte desta tradição mística. É uma espécie de novela que recobra a memória dos profetas para atualizá-la ao contexto daqueles tempos de dominação, acomodação, manipulação e sobressaltos.

#### A narrativa

O texto de Jonas está armado de forma muito peculiar. Em dois momentos temos o personagem Jonas exercendo o papel principal mas de forma diametralmente oposta. Em parte do primeiro capítulo, no segundo e parte do terceiro ele é o herói ou o santo. Aquele que cumpre a missão que lhe foi confiada. Aqui ele se insere de cheio na tradição profética, fala como alguém que experimenta a sorte dos sofrendores, dos empobrecidos, dá seu recado, anuncia conteúdos embora não os entenda. Outros são os interpretes. No segundo momento, cap. 4, assume posição contrária. É outro. Não mais representa a tradição dos pobres mas a mentalidade dos senhores do templo, dos donos da interpretação de lei. Sua irritação deve-se à demora da irrupção da ira divina contra os pagãos. Parece aos sacerdotes e juizes que, centralizados em Jerusalém, administravam a aliança com o império e haviam reduzido a atuação de Deus na história à sua própria ação a partir da lei e do Templo. Sua diretriz era: a misericórdia de Deus para nós, seus juízos devastadores para os outros.

Este Jonas não podia entender e nem aceitar a misericórdia de Deus para com os ninivitas. Por isso se irrita porque Deus os trata como se hebreus fossem!

Mas o texto não apresenta apenas Jonas como protagonista. Na verdade os mais importantes na narrativa são outros. Em primeiro lugar temos os marinheiros e depois, os habitantes da grande cidade de Nínive e o seu rei.

Isto é muito importante de observar porque introduz uma novidade que rompe com a tradição dos guardiães do Templo.



Ao reconhecer sua infidelidade no capítulo 1, Jonas dá aos marinheiros a oportunidade para que interpretem a mensagem de que ele é portador. São eles que lhe explicam a profecia que ele devia anunciar. Aceitam a mensagem que Jonas possui para transmitir, se convertem à Javé, tornam-se hebreus!

Na fragilidade, ignorância e estupidez de Jonas, o profeta enviado, o povo (no caso os marinheiros) se desperta para compreender sua situação e agir em consequência. É a sabedoria e força do povo, construída através de sua própria condição histórica, social e cultural, que lhe permite interpretar a mensagem que lhe é transmitida por alguém que não tem a mínima noção do que de fato está acontecendo. Mas Jonas no seu limite se curva diante dessa interpretação e recupera a tradição dos pobres da qual era parte e depositário.

Em segundo lugar temos um outro personagem tão importante quanto os marinheiros: o povo de Nínive.

Se no 1º capítulo o cenário é formado pelo navio e a situação do narrador é nos levar àqueles que nele estavam, no capítulo 3 o cenário é composto pelas ruas de Nínive e inclui o povo e seu monarca, que adere a decisão do povo sem nada acrescentar ou impor.

O que nos interessa destacar aqui é o fato de que tanto no capítulo 1 como no capítulo 3 a atenção do texto recai sobre a reação à profecia. Não sobre a pessoa do profeta, mas sobre quem faz a interpretação da palavra. Nem mesmo esta, seu conteúdo e seu significado, merece maior atenção. A ênfase está posta sobre os intérpretes. Eles é que são de fato os verdadeiros protagonistas da história de Jonas. Sua reação é que interessa. Assim no capítulo 3 a população é a primeira a reagir. Toma posição frente às ameaças do profeta. Crê e convoca a todos para o jejum. Trata-se de uma reação plena e completa. Ao ver isso o monarca age em meio a seu povo e em continuidade a ele. Assume a mesma atitude: converte-se com todo o povo. O texto não diz explicitamente de que se convertem. Mas fica evidente, levando-se em conta a tradição profética, que se trata de uma conversão ética. "Maus caminhos" deve ser entendido como "opressão" "injustiça". Mas se trata também de uma conversão a Javé, creram no Deus de Jonas, apesar da incompetência do profeta na realização do seu trabalho. A profecia por ele anunciada consta de apenas cinco palavras (em hebraico) e foi só isto que ele fez. Nínive era uma cidade grande e se necessitava de três dias para percorrê-la (3,3) e Jonas andou apenas um dia (3,4) e tinha pouco a dizer: "Ainda quarenta dias Nínive será destruída" (3,4). Fica evidente que o povo, destinatário da mensagem, passou também a ser seu portador ao interpretar o sentido das palavras de Jonas. Des-cobriram o sentido real e vital da

"palavra do Senhor" (1.1). Somente Jonas não entendeu o que fazia o Espírito do Senhor "que fez o mar e a terra" (1,9).

Em todo o texto fica evidente a contraposição entre Deus e seu profeta. Ambos agem de forma totalmente distinta. Jonas, preguiçoso e sem visão reduz seu trabalho o quanto pode aceitando a versão institucional de ação de Deus na história. Contenta-se com a situação estabelecida e é incapaz de perceber as surpresas que sobressaltam a história. Era normal para um hebreu esperar a destruição dos pagãos que os oprimiam. Deve ter misericórdia deles? Isto é absurdo!

Mas os caminhos de Javé são surpreendentes. E Jonas ficou sem ter o que responder a Deus que, com ele, mas apesar dele, salvou Nínive.

### **Reflexão teológica**

#### **1. A re-criação do povo de Deus no meio da história**

A tragédia das Igrejas através dos tempos tem sido a sua auto-identificação como o povo exclusivo de Deus. E esta é a repetição da tragédia experimentada pelo Israel bíblico. A busca de hegemonia no cenário das nações, mesmo que esta hegemonia fosse apenas teórica ou, então, indireta, encoberta, aliada com os poderes dominantes, nas diferentes conjunturas que se foram sucedendo, marcou a vida de Israel e tem marcado a vida das Igrejas.

Na experiência do povo hebreu que o Antigo Testamento nos relata percebemos o desvio de Israel da vocação a que foi chamado. O conflito entre poder e serviço a todas as nações se estabelece logo que as elites dirigentes se entusiasmam e se embriagam com as possibilidades que o exercício do poder político, econômico e religioso, lhes oferecem. A proposta original de ser uma bênção, um bem para todas as nações, é ofuscada pelo brilho do exercício do poder para si. Os servidores do povo se transformam em seus dominadores. As alianças com poderes maiores são estabelecidas e Israel, apesar dos conflitos internos, vai perdendo com rapidez, na medida da consolidação da monarquia, seu lugar singular na história. É nesse processo que surge o movimento profético. Movimento de oposição, que batalha em favor de sua vocação original e vai descobrindo que a condição de povo de Deus tem limites bem mais amplos que a raça ou as condições sócio-históricas de um povo específico.

O acionar dos profetas recuperando a proposta original de Javé para os hapiru (os hebreus) ganha contornos éticos e políticos muito claros e se choca frontal e definitivamente com a versão religiosa institucional da casa real de Davi.

O povo de Deus deixa de ser uma nacionalidade constituída e estratificada para constituir-se na estirpe dos sofreadores, oprimidos e empobrecidos deste mundo. É no meio deles que Javé está presente e atua. Javé é a fonte, a força e o poder da vida. Tudo o que produz mais vida para os que estão no vale da morte é sinal da ação de Javé.

E Javé fala e age pela instrumentalidade daqueles que aparentemente não contam para os jogos de poder dentro da história, seja em nível local, regional ou internacional. Age por meio de situações, iniciativas e atitudes dos empobrecidos que intuem, no meio das condições anti-vida que têm de enfrentar, os valores fundamentais da vida que Javé mesmo representa.

Por outro lado, de forma surpreendente e insólita estabelece desafios e conduz a trama da história andando por caminhos jamais pensados pelas institucionalidades que se vão estabelecendo através do ordenamento econômico, social, cultural e jurídico das sociedades humanas. Javé atua livremente, seu Espírito que é o Espírito da Vida atravessa a História e suscita a força que impede a sua destruição que é sempre iminente por causa da embriaguez do poder que acomete os homens e as mulheres.

Nesse processo nem sempre os instrumentos da ação de Javé são conscientes do que estão realmente fazendo. Jonas realizou um trabalho mas não entendeu o que estava fazendo. Os destinatários de sua mensagem perceberam, muito mais do que ele, do que se tratava. Tanto os marinheiros como os habitantes de Ninive souberam interpretar o sentido da ação de Jonas numa proporção infinitamente superior a ele. A fragilidade do profeta suscitou forças e capacidade até então ocultas no meio do povo que lhe possibilitavam reorientar suas vidas mudando o curso de sua história. Esta reorientação veio do meio do povo. Não foi imposta por instrumentos autoritários e nem avalizada pelas estruturas de poder existentes. O rei curvou-se à vontade do povo. Obedeceu ao novo movimento da história em lugar de ser obedecido. Foi conduzido em lugar de conduzir.

Se o Espírito de Javé se aninha nas dobras da história aconchegando-se entre os deserdados deste mundo a Igreja está convocada a rever continuamente suas atividades, posições e pronunciamentos. É preciso deixar de ser como um Jonas contemporâneo, que não entende sua missão e não percebe a vontade de Deus para o povo. Mais que isso, se o Espírito se move no interior da história suscitando a força da vida entre aqueles que não tem passado nem presente mas que buscam a vida no futuro, então os que receberam a "Palavra do Senhor" têm que se esforçar para descobrir a comunidade de vida que ele está re-criando continuamente fora de Jerusalém e longe da Torá.

Mas o Espírito de Deus se move entre o povo e move o povo por meios muito próprios, que desafiam nossas análises conjunturais, políticas econômicas e históricas. Sempre somos unilaterais e marcados por nossa própria situação histórica. Privilegiamos determinadas visões e certos feixes de conceitos sobre a vida e sobre a história. E fazemos isto enquanto grupo, classe e indivíduos. Com isso perdemos a visão mais ampla da vida que inclui seus mistérios e os gestos pequenos e simples que dão origem a suas grandes torrentes. Interessante que o Espírito age exatamente por aí, sem violentar os códigos culturais e dando preferência aos gestos que, entre os empobrecidos, geram os sinais de que a vida é sempre possível.

Não é gratuito que a estória de Jonas se passe um século depois do estabelecimento da pax persa. E acontece para anunciar a possibilidade de mudança, de vida nova que se contrapõe e nega o **establishment** de injustiça e opressão.

## **2. As perplexidades dos religiosos ante as surpresas geradas pelo Espírito na história.**

No capítulo 4 de Jonas nos deparamos com um diálogo muito estranho. Jonas, portador da mensagem de Javé o interpela de forma agressiva e irritada porque não entende sua lógica. Sua visão de Deus se enquadra e se limita à missão religiosa do Templo, que, por sua vez corresponde aos interesses da elite dominante aliada aos persas e que se beneficiava da sujeição do povo hebreu às imposições do poder persa. Os não-hebreus, ou seja os pagãos estavam destinados à ira divina de Javé. Mas Javé resolve salvar os ninivitas, transformá-los também em seu povo. Sinal de mudança, sinal da irrupção do novo numa situação histórica aparentemente já definida e fechada. Jonas cumpre sua tarefa contrariado, com má-vontade. Faz tudo pela metade. Mas mesmo assim o resultado é animador, surpreendente. O povo responde à Javé e escapa da condenação. Jonas fica amargurado porque não era isto que ele esperava. A ira de Deus contra os não-enquadrados no modelo de povo-escolhido, sim. A misericórdia, o perdão e uma nova possibilidade de vida, não. Ele não entende e se exaspera. E o texto termina com um final infeliz. Jonas amargurado sem poder entender e muito menos responder a pergunta crucial de Javé sobre a necessidade de misericórdia para com o povo de Nínive!

Se a ação de Javé foi surpreendente frente aos parâmetros tradicionais israelitas ela obedece também ao seu propósito de re-criar continuamente as condições de vida para todas as suas criaturas.

Como nas outras novelas da época recolhidas no Antigo Testamento, a ação de Javé é revelada através de acontecimentos que ocorrem no meio do povo empobrecido e

oprimido que revelam a possibilidade e precariedade das estruturas que se pretendem monopolizadoras e porta-vozes únicas da mensagem da vida. A estória de Jonas, como de Joel, de Rute e tantos outros nos revela um fato surpreendente: a irrupção dos anseios de vida, ou seja de obediência a Javé, no meio daqueles que, aparentemente estão condenados para sempre ao reverso da vida. E que é precisamente lá que o Espírito de Javé está atuando, movendo a história apesar dos poderes que pretendem o seu fim.

Estamos há escassos 400 anos antes do acontecimento mais revelador da atuação do Espírito de Javé: Jesus Cristo. A conversão dos ninivitas é sinal da universalidade da promessa da vida para todos. E isto num tempo de trevas, quando não parece mais haver alternativas à proposta do poder dominante que já se impõe há cerca de um século!

Por outro lado o texto de Jonas nos convida a um enfoque completamente diferente daquele a que os religiosos, os profissionais da religião (no bom e mau sentido da expressão), os piedosos ante seus próprios olhos, estão acostumados a exercitar. O texto coloca sua ênfase sobre os destinatários da mensagem. Não leva em conta nem o emissor e nem o conteúdo da mensagem. O que interessa no relato é o povo destinatário e sua reação à possibilidade de vida nova, diferente, gratificante.

Os marinheiros e o povo de Nínive é que são os verdadeiros protagonistas da trama em que Jonas, contra sua vontade, se vê envolvido.

Nesta estória nos defrontamos com um Javé ecumênico, universalista, que salta os limites que Israel em sua auto-consciência de povo-escolhido lhe havia imposto. É a vida do povo, e do povo empobrecido e oprimido que interessa a Javé. São eles que, no drama da vida constroem a trama da história, reconstruindo valores e abrindo caminhos para a "civilização do amor", como quer D. Helder Câmara, inaugurada por Jesus de Nazaré.

Em contrapartida os religiosos, aqueles que dividem o mundo entre "nós" e "eles", que se pretendem guardiões do sagrado, representantes oficiais de Javé, se ocupam de si mesmo e não percebem a força da vida presente entre os "outros", os pisoteados e esquecidos nos caminhos da história. Ou então se ocupam da mensagem cuidando de suas formulações, construindo verdades em nome de Javé, que não passam de expressões de seus próprios interesses e de suas instituições. Mas na medida em que a vida do povo empobrecido e humilhado não se constitui na carne e no sangue dessas verdades, elas morrem antes mesmo de ver a luz, contaminando e cegando seus portadores que assim não conseguem nem ver e nem discernir a ação do Espírito no interior mesmo das variadas e misteriosas pulsões da vida.

Nínive era capital da Assíria, nação subordinada à dominação persa como os hebreus. Mas nação pagã para estes, que já os havia oprimido por tanto tempo e que só merecia o ódio dos judeus. A misericórdia de Javé para os ninivitas era por isso incompreensível para Jonas. Salvar os inimigos de Israel? Dar-lhes a oportunidade de vida, da mesma forma que era oferecida aos hebreus? Jonas ficou com raiva de Javé e extravasou esta raiva! Estava cego e cego ficou. Não teve visão para ver o Espírito de Javé no meio do povo empobrecido e oprimido dos assírios de Nínive.

Pensou a história com rigidez e estreiteza. Tinha como os demais hebreus o sonho de liberdade e da reconstrução do Reino de Israel mas apavorou-se ante o "fechamento" da história imposto pelos persas. Objetivou, junto com os líderes do Templo esse sonho, que virou dogma, perdendo a força da vida que lhe era inerente. Esta foi uma das razões do fracasso nacional de Israel. Ao não perceber a força da vida no meio do povo empobrecido e oprimido deixou de ser uma bênção, um bem para os demais, porque passou a viver em função de si mesmo, de suas próprias e limitadas visões.

O evangelho vai surgir mais tarde dando plenitude a esses sinais que o precederam. E hoje continua como um desafio remetendo-nos para o meio da história, ali onde a vida nasce nos pequenos gestos de solidariedade, de serviço e de amor, de promoção da justiça e da liberdade, ainda que pequenos e frágeis. Só não devemos nos esquecer que os grandes e caudalosos rios nascem de pequenos e muitas vezes escondidos riachos perdidos e esquecidos nas montanhas.

Zwinglio Mota Dias é pastor da Igreja Presbiteriana Unida e Secretário Geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI.

Rua Santo Amaro, 129

22211 - Rio de Janeiro - RJ